

Janelas do Vão de Almas

Janice Affonso



Protetores

São tantos frutos;
São tantas plantas de cura;
Objetos ancestrais tecem a vida;
Alimentam e tiram a fome das entranhas;
As janelas de almas se abrem e se fecham;
Nas panelas esquecidas e nos bancos;
Da chama apagada e acesa;
Da cor cinza do tempo entrelaçada com o azul;
Nos contos, na música, nos festejos e na fé;
Nas crenças;
Nas terras protetoras;
Seres do amor, seres da dança
e Seres que trazem do vão;
Do vazio, do vácuo;
Seres da água, da terra do fogo e do ar;
Seres das matas e bichos;
De suas gerações e ancestralidades;
A certeza dos rastros se vai e outros rastros ficam.
Neste mundão infinito.
Dos sonhos e dos desejos.
Eu agradeço,
Eu agradeço.

Janice Affonso

Ser e estar no vão

A exposição *Janelas do Vão de Almas* é um desdobramento do projeto *Encontros nos contos e cantos Kalungas*, da artista Janice Affonso. Aqui estão alguns dos resultados de múltiplos agenciamentos coletivos do desejo. Primeiro, a artista se dedica a um processo de vivências na comunidade Kalunga, na região do Vão de Almas, em Cavalcante, no norte do estado de Goiás. Segundo, trata-se de uma estudiosa de assuntos relacionados à visibilidade, ao feminismo e ao papel da arte como transformadora da concepção comum de cotidiano. Terceiro, foram feitas fotografias e filmagens para serem desenvolvidas em um momento posterior, no ateliê da artista. Quarto, a pintura é um eixo organizador do pensamento visual. Quinto, há um elogio direto à tradição Kalunga como símbolo da luta pela emancipação contra o sistema de exploração do capital. Sexto, o local é incrustado no planalto, nos campos altos do cerrado próximo ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Sétimo, o convite da exposição é também para se atualizarem questões relacionadas ao patrimônio material e imaterial de um povo raiz, responsável pela manutenção de uma tradição particular. São muitos os agenciamentos, é impossível nomear todos eles. Esta exposição celebra a vida dos Kalungas, seu território, suas práticas culturais sincrêti-

cas, seus modos de vida, seus elementos de culto, num movimento que pendula o olhar pelo mundo por intermédio de uma fresta, de uma janela. Através dela, para dentro e para fora, descortina-se o infinito.

Danças, folias, artesanias, festejos coletivos, cantorias, celebrações fizeram parte de uma espécie de residência artística para o desenvolvimento desse projeto poético. A dança Sussa, os instrumentos musicais, as habitações com suas emblemáticas portas e janelas, as plantas medicinais, os quintais, os jardins, a paisagem infinita, os utensílios mais variados, os penteados emblemáticos das mulheres, as roupas coloridas, fazem parte do inventário descritivo construído por Janice Affonso. A artista vive uma trajetória consolidada no compromisso com a arte contemporânea. A sua produção está comprometida com a guarda, a conservação, a promoção e a divulgação da cultura local, particularmente do Goiás, focada particularmente na comunidade Kalunga.

A artista atuou como professora de Artes Visuais na Secretaria de Educação do Distrito Federal e como Educadora Ambiental no âmbito de diversos projetos pedagógicos. Questões ligadas à educação, à arte, à natureza e à preservação do meio ambiente estão no cerne do seu pensamento articulado com ações diretas com

diversas comunidades da sociedade atual. Para esta exposição, a inspiração partiu da temática da presença, atualizando uma ancestralidade fundamentada nos costumes e práticas da cultura Kalunga, com seus valores vinculados à devoção e à celebração da vida como parte do patrimônio cultural da comunidade específica e da humanidade em geral. Todos fazem parte do todo. A produção de Janice Affonso apresenta alguns campos específicos de uma vivência íntima com os Kalungas em sua comunidade. Elementos como a paisagem do planalto central, as janelas das casas, os instrumentos musicais e a flora do cerrado marcam as figuras dos temas predominantes da sua pesquisa. As pinturas desta exposição fazem um elogio à vida e ao viver.

Uma celebração para os sentidos!

Carlos Lin
Curador

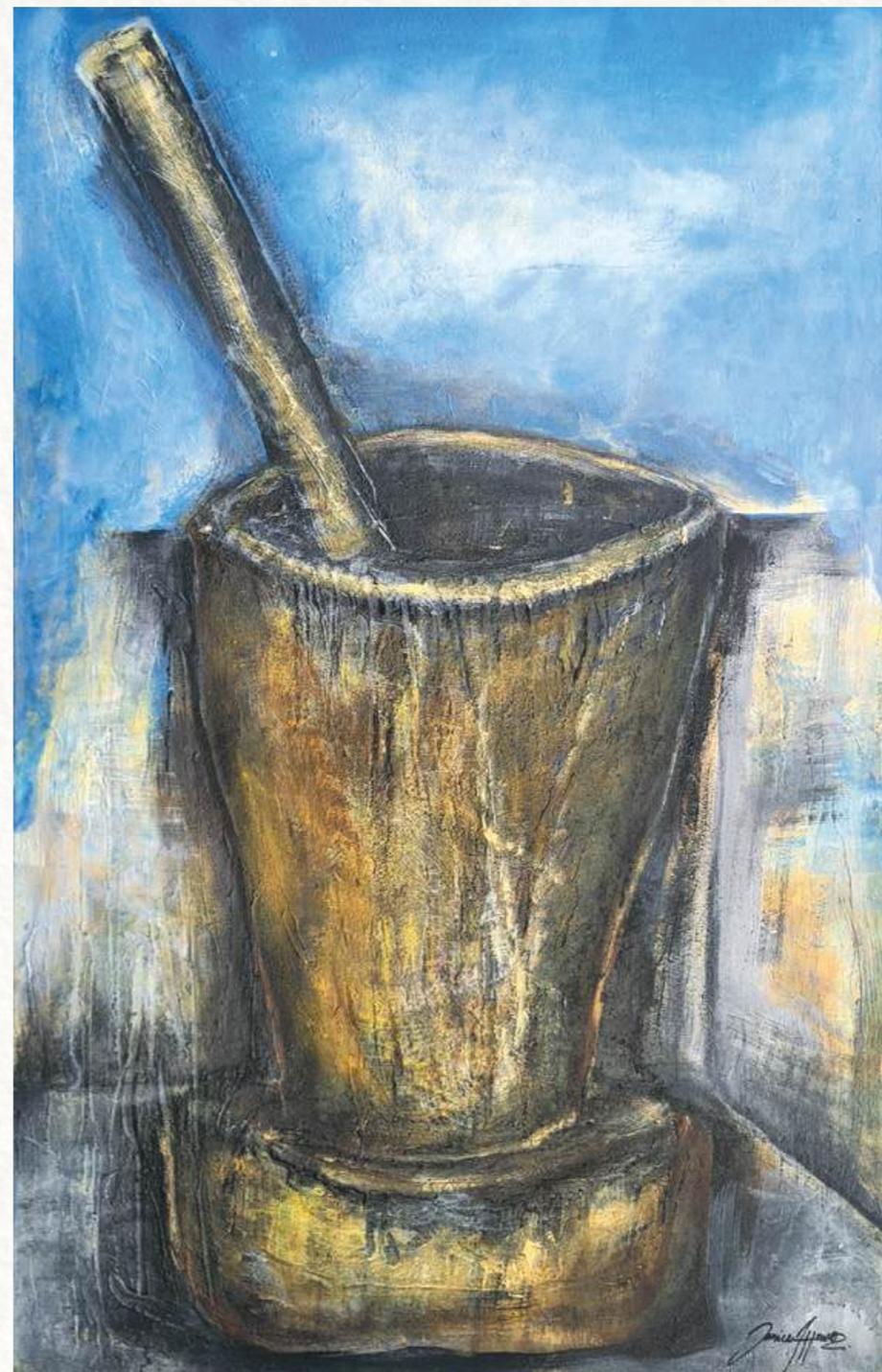
Objeto Ancestral



Fogão de lenha apagado
Série Objeto Ancestral
100 x 65cm



Panelas Espalhadas
Série Objeto Ancestral
100 x 65cm



Pilão eterno
Série Objeto Ancestral
65 x 100cm



Banco no tempo
Série Objeto Ancestral
100 x 65cm



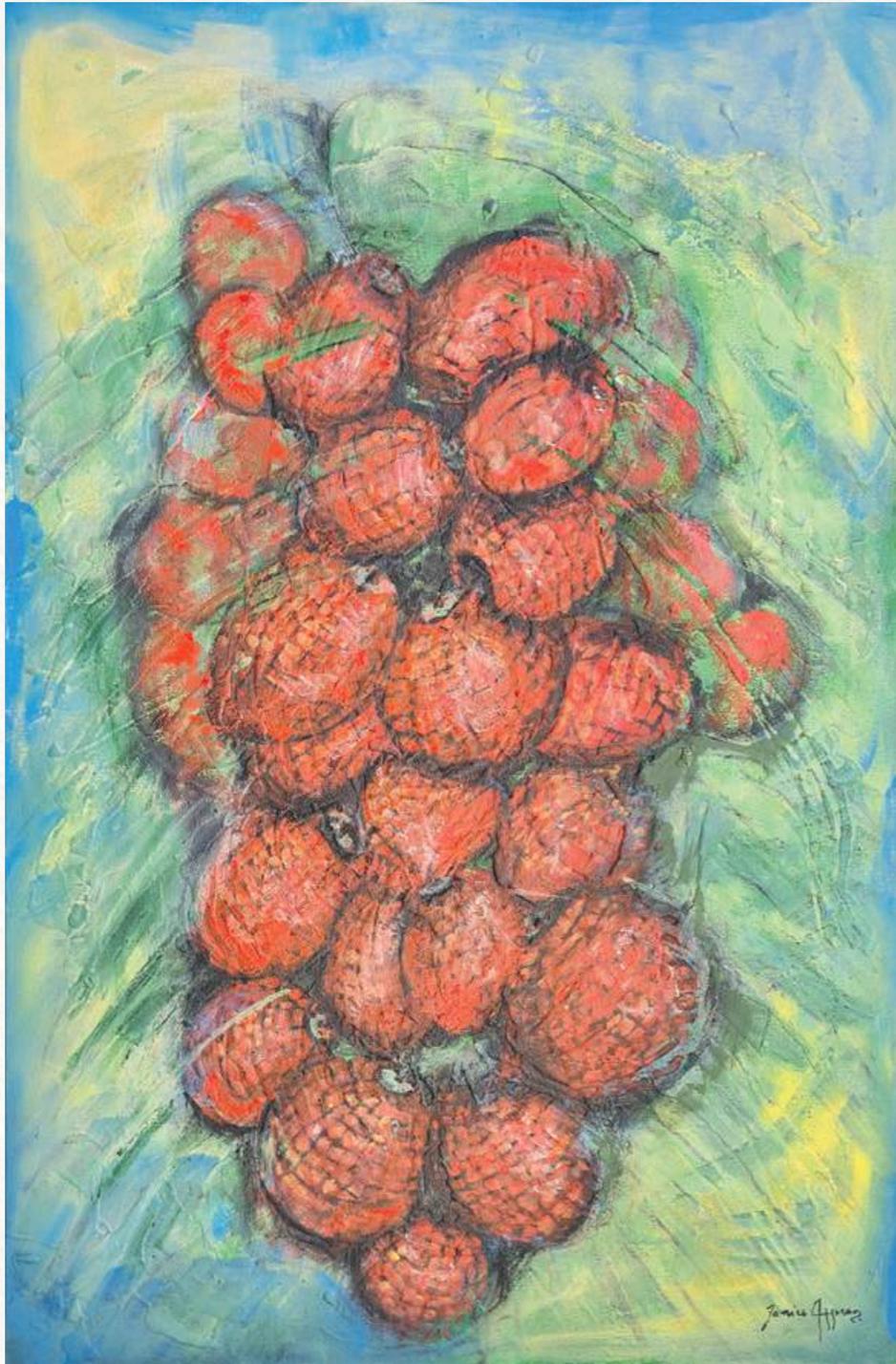
Tecendo
Série Objeto Ancestral
65 x 100cm

Fruto



Cajuzinho Coração
Série Fruto
65 x 100cm

Buriti Pele
Série Fruto
65 x 100cm



Tingui Mistério
Série Fruto
1,10 x 90cm





Jatobá Terra
Série Fruto
100 x 65cm

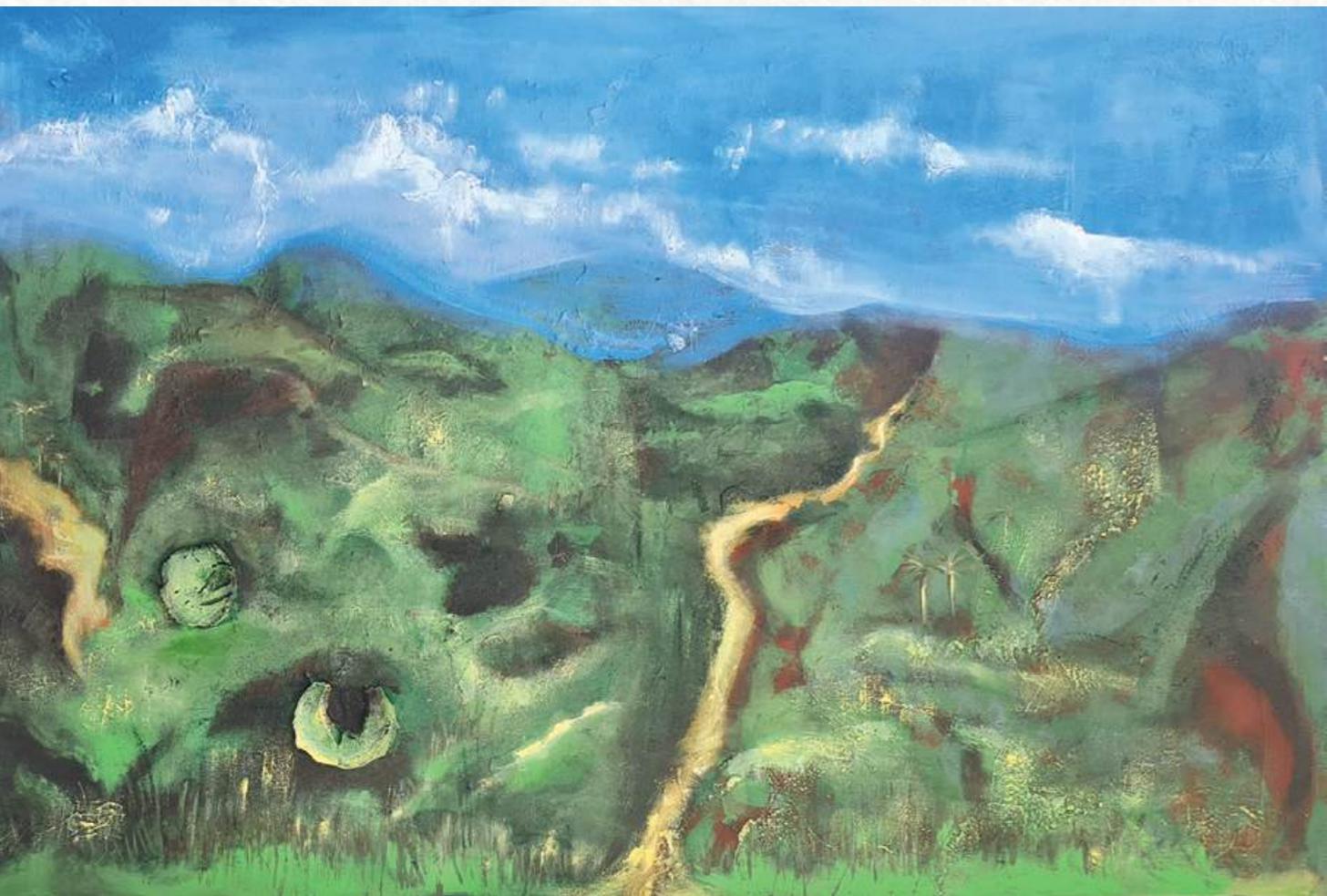


Pequi Ouro
Série Fruto
80 x 80cm

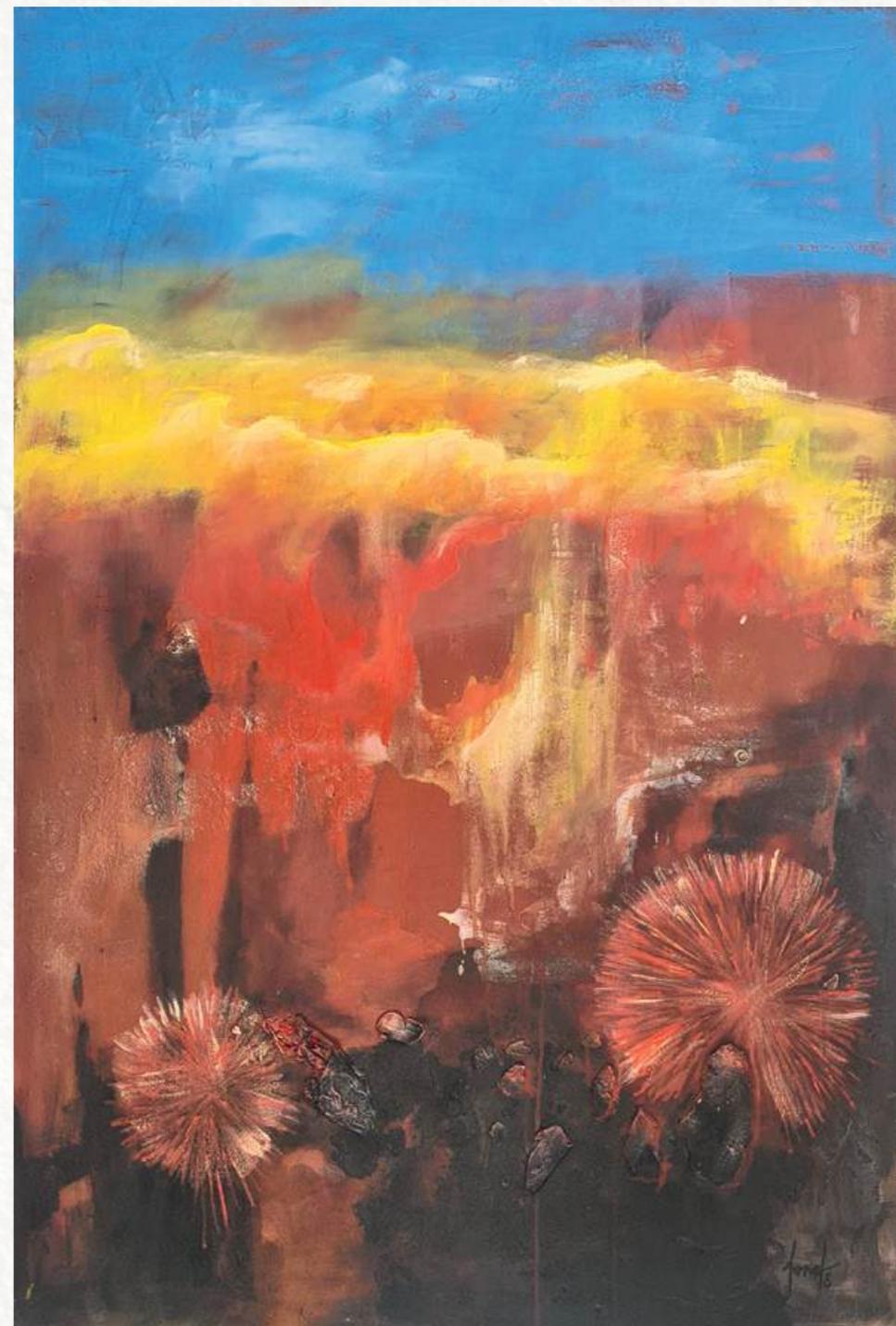
Contemplação



Alma da água
Série Contemplação
150 x 110cm



Alma da terra verde
Série Contemplação
150 x 110cm

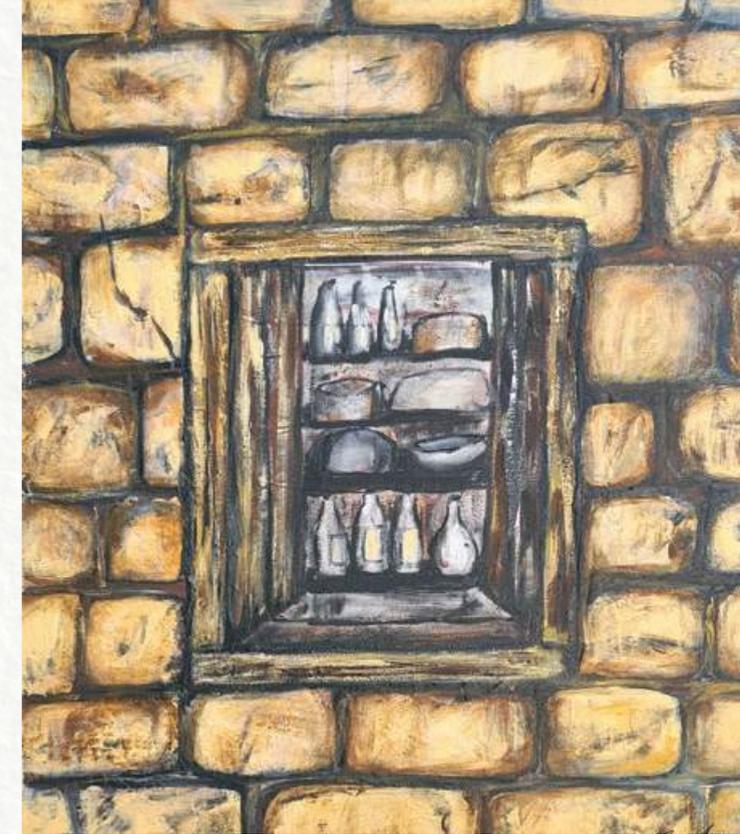


Alma do fogo
Série Contemplação
110 x 150cm

Janela de Almas



Santa devoção
Série Janela de Almas
60 x 70cm



Panelas guardadas
Série Janela de Almas
60 x 70cm



Luz lamparina
Série Janela de almas
60 x 60cm

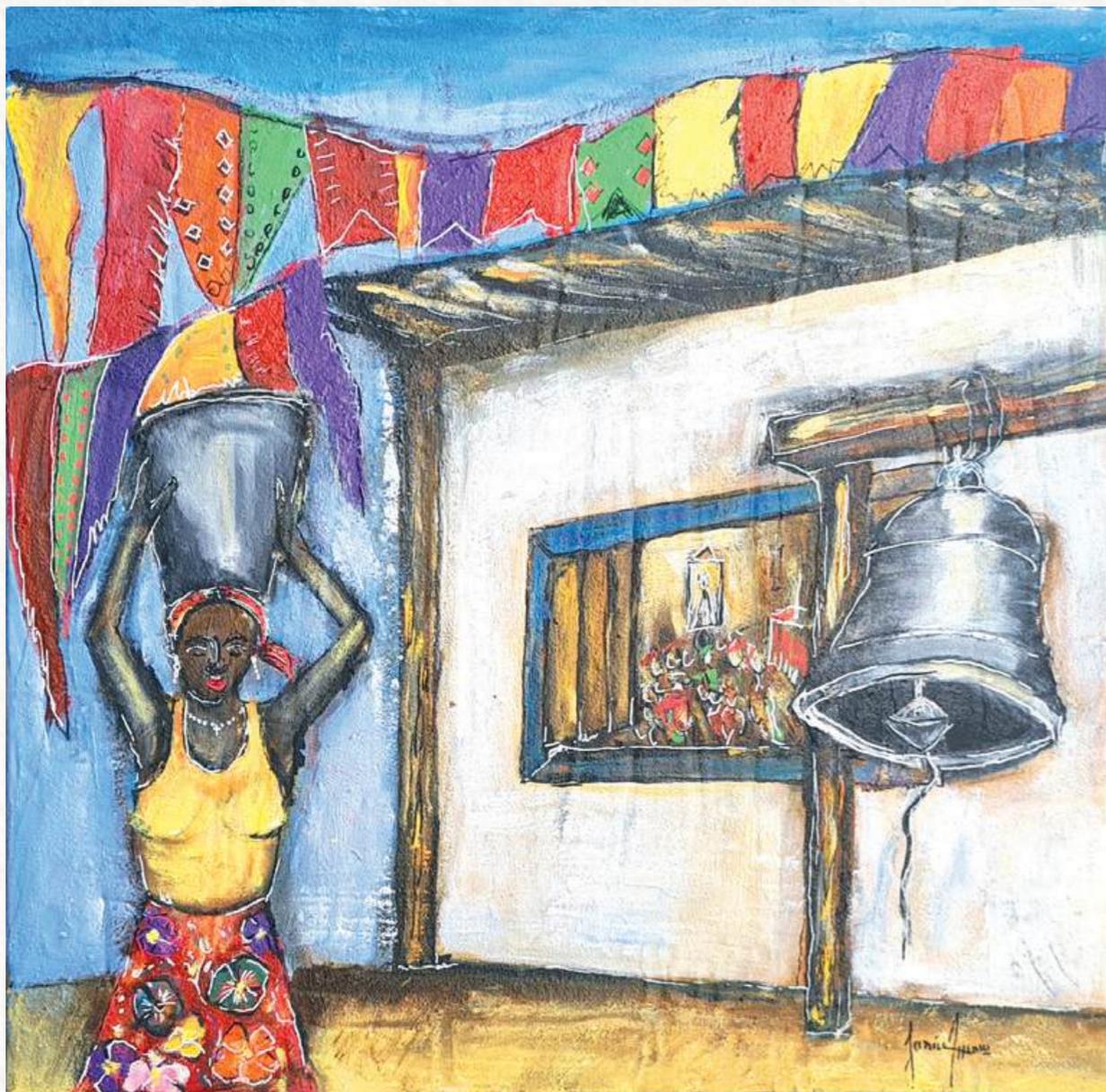


As janelas (díptico)
Série Janela de almas
1,20 x 60cm

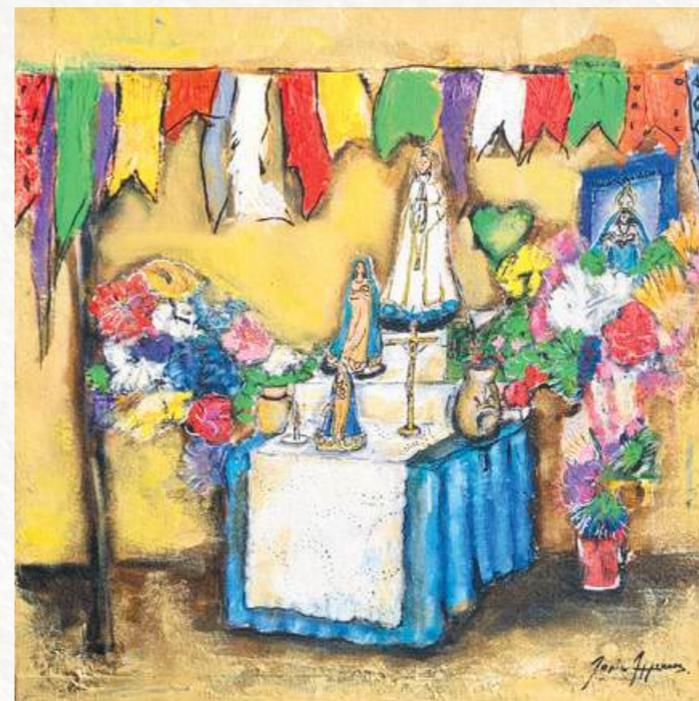
Contos e Festejos



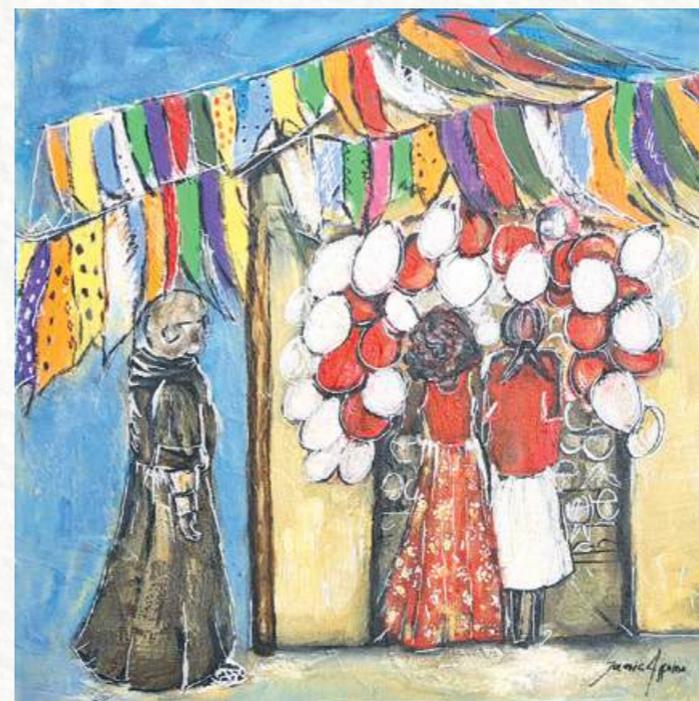
Sussas coloridas
Série Contos e Festejos
100 x 65cm



E o sino toca
Série Contos e Festejos
50 x 50cm



Altar do casamento
Série Contos e Festejos
40 x 40cm



O padre indo para
o casamento
Série Contos e Festejos
40 x 40cm

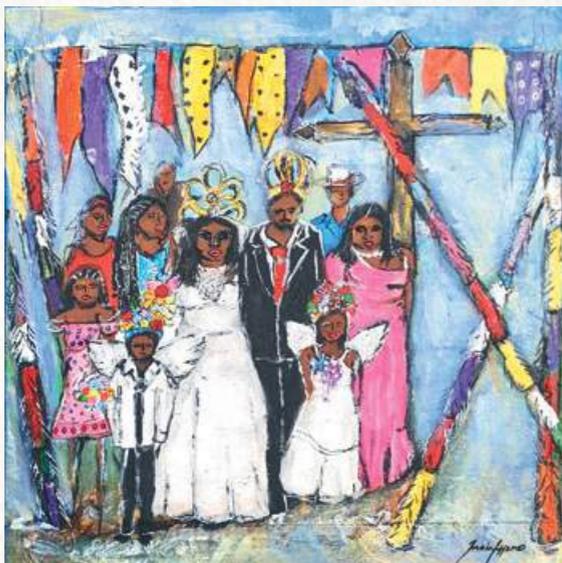


Som nos cantos 1
Série Contos e Festejos
100 x 65cm

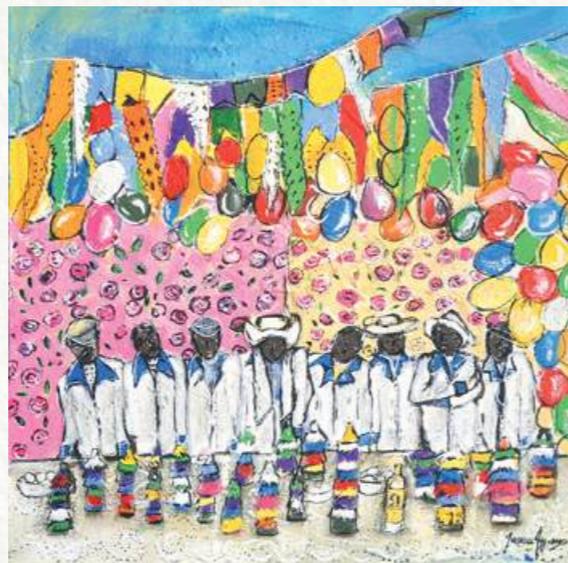


Som nos cantos 2
Série Contos e Festejos
70 x 60cm

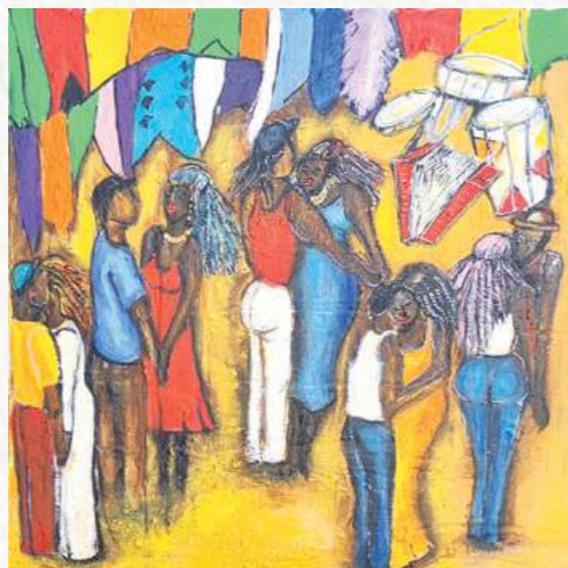
Casamento no Império
Série Contos e Festejos
40 x 40cm



Homens de branco
Série Contos e Festejos
40 x 40cm



Sussas e as cores
Série Contos e Festejos
50 x 40cm



O forró já começou?
Série Contos e Festejos
50 x 50cm

O povo kalunga

Kalunga é um povo quilombola e seu território está nos vãos entre as serras dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, no nordeste do estado, na Chapada dos Veadeiros. Território no qual existem aproximadamente 39 comunidades e cerca de 10 mil pessoas em realidades e culturas entretecidas a essa geografia particular.

Formado por pessoas de diferentes origens, o povo kalunga subverteu estruturas de exploração colonial e criou a sua existência como povo em ciclos de "começo, meio e começo", por muitas gerações.

O povo kalunga têm uma forma responsável e sábia de se relacionar com a terra, com o cerrado, com o ambiente no qual vivem, que tem sido reconhecida. A Organização das Nações Unidas (ONU) identificou-o como o primeiro Território e Área Conservada por Comunidades Locais (TICCA) do Brasil. Além disso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu-o como Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade.

Matrizes africanas sedimentam sua existência e seus conhecimentos ancestrais em memórias dinâmicas que sustentam e atualizam filosofias e valores civilizatórios kalunga. São formas de viver em que política, culturas, lutas, gestão dos produtos de seu trabalho, artes, música, articulam-se em movimentos dinâmicos nos quais a formação de pessoas e a educação não se separam.

São técnicas e tecnologias ancestrais, com a presença física de mestras e mestres, o som de suas vozes em relatos para ouvidos atentos, olhos nos olhos, aprendendo e ensinando significados, éticas, música, cultivos, criações, criatividade, o prover a vida no espaço e no tempo.

Pesquisas em ciências agrárias, em diálogo com conhecimentos e saberes ancestrais, aumentam produtividades para atender ao mercado consumidor que se amplia, por exemplo, a baunilha do cerrado. Muitas mulheres, em grupos ou individualmente, produzem e vendem alimentos da cultura alimentar tradicional kalunga, na qual se incluem óleos vegetais, sabões, ervas medicinais e outros, além de tecidos em diferentes formatos, com diferentes cores de algodão.

Estudos e pesquisas em nível universitário e em diferentes áreas têm crescido entre a população kalunga. As escolas procuram diálo-

gos com os mestres e mestras. A coordenação pedagógica das escolas no território foi conquistada por professoras(es) kalunga com a proposta de introduzir esses saberes nos currículos.

A formação de pessoas inclui saberes sobre plantar em quantidades e qualidades adequadas e suficientes para as estações do ano, em diálogo com os invernos e verões, as águas e a seca, por exemplo. O brincar, contar e ouvir histórias, criar adivinhações e versos em todas as idades é um recurso importante para os processos cognitivos. Nas brincadeiras, os corpos reproduzem saberes e aprendizados de autonomias. Construção de casinhas de adobe com tetos de palha, por exemplo.

Trocas constantes que incluem os mundos externos, a internet e o importante uso de celulares, incluindo crianças e adolescentes. Movimentos estéticos, criação em moda, cabelos trançados com fios coloridos. No tempo de festejos, em salões sob as árvores, criam-se desenhos em cortes de cabelos raspados, *sidecut*. Bandas de música e composições autorais de jovens kalunga animam a festa com muitos estilos.

Rezas e festejos questionam dicotomias entre sagrados e profanos, em compreensões profundas de uma espiritualidade construída em coletivo. Momentos sacralizados demarcando memórias. Reza do Menino Deus, Reis, Divino, Senhora d'Abadia, das Neves, São Berlambeu pra tirar o sentido daquilo que não é meu, e muitos outros dias santificados em seu calendário, às vezes em desentendimento com calendários escolares.

Chegar no Vão de Almas ou outros lugares do quilombo kalunga, para conhecer e dar a conhecer seu mundo, requer pisar nesse chão devagarinho, em movimentos cuidadosos diante da complexidade das maneiras de viver, ouvir e compreender confluências entre pensamentos de quem ali vive e constrói a sacralidade daquela existência.

Leda Maria Martins sugere caminhos: "Pesquisa-escuta atenta, crítica e, ao mesmo tempo, afetiva, de vozes, corpos, gestos e linguagens." Leda destaca ainda que esses fazem parte de universos onde as menores ações cotidianas, as corporeidades, pulsam. Neste pulsar são formadas culturas, sociedades, gerações de antepassados, presentes em ciclos de começo, meio e começo.

Marise Glória Barbosa

Mestre em História e Etnomusicologia e responsável pelo projeto "O Que é O Que é? Infâncias Kalunga", 2018, com apoio PAC-GO ([youtube.com/@oqueeoqueeinanciaskalunga6035](https://www.youtube.com/@oqueeoqueeinanciaskalunga6035))

Sobre a artista

Membro do Conselho de Arte e Cultura do bairro Jardim Botânico, Janice é artista visual com 38 anos de carreira. Realizou 12 exposições individuais e participou de dezenas de coletivas, a primeira delas em 1984. Desenvolve pinturas, desenhos, esculturas e instalações. É também arte-educadora e educadora ambiental. Graduada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, possui especialização em Arte pelo Centro de Artes (ICAT) e pós-graduação em Meio Virtual (Faculdade Cândido Mendes) e em Arte Terapia (Clínica de Assistência Psicopedagógica – CLIAP).

Em 2022 reinaugurou a exposição permanente *Trilha Indígena Krahô*, no Jardim Botânico de Brasília, para a qual convidou também outros 12 artistas do DF, no âmbito de projeto artístico que coordenou em 2016. Realizou em 2020 a exposição *Dos tempos de menina*, com suas pinturas sobre as bonequeiras de Olhos D'Água, na Casa da Dona Lembrança (Olhos D'Água, GO). Com a exposição *Poço*, itinerou em Brasília, Sobradinho, Goiânia, Alto Paraíso e Pirenópolis (GO), entre 2015 e 2016. Com o projeto *Seres Alados do Cerrado*, patrocinado pelo FAC, expôs uma série de pinturas na Galeria Van Gogh, em Sobradinho (2015).

Entre 1984 e 2018, participou de exposições coletivas no Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul (OndeAndaaOnda, 2018); Museu de Arte de Brasília (OndeAndaaOnda, 2016); Casa Park (FAC RARO); Galeria ManoObra; Museu do Cerrado (UnB); Museu de Arte de Brasília (Três Gerações de Brasília); Galeria Performance; Galeria Visual; Galeria da LBV (Acervo); Conjunto Cultural da Caixa Econômica; Galeria do

Instituto Cultura Hispânica; Centro Cultural Búzios (RJ); Espaço Cultural Cabo Frio (Praia do Forte, RJ); Centro Cultural Manoel Camargo (Arraial do Cabo, RJ); Galeria de Artes Naoum Plaza (Rola Mundo); Kasa Galeria de Artes; Embaixada da Colômbia; Galeria RT (Caminhos Abstratos); Galeria Casa Thomas Jefferson (Acervo Lago Sul); Galeria Casa Thomas Jefferson (Coletiva 4 Tempos); Galeria da Cultura Inglesa; Salão do Congresso Nacional; Galeria de Artes Portfólio; Galeria Rodolfo Amoedo; Galeria Gilberto Salomão; Teatro Nacional de Brasília; Salão Negro do Senado Federal (Todos de Brasília).

Na área de arte-educação e educação ambiental, foi professora e facilitadora de oficinas no Ministério da Educação, Secretaria de Educação do DF, Escola Normal de Brasília, Ação Social do Trabalho, Projeto Meninos do Parque (PROEM), Escola da Natureza e diversas outras entidades educativas e culturais do DF. Trabalhou também como desenhista, vitrinista, designer gráfica e programadora visual.



JANELAS DO VÃO DE ALMAS | Janice Affonso

*Coordenação geral
e direção artística*
Janice Affonso

Curadoria
Carlos Lin

Conversa e dança Sussa
Fiota, Marta Kalunga e Luis
Henrique Francisco Pereira

Música
Marcos Morello

Apresentadora e poeta
Amelinha Cris Araripe

*Coordenação administrativa
e produção executiva*
Aloisio César

*Filmagens, edição e
sonorização de vídeo*
Diógenes Dias

*Fotografia no Vão de Almas
e abertura da exposição*
Arthur Monteiro

Audiodescrição
Marise Glória Barbosa
(roteiro e narração),

Maria Isabel de França
(consultoria), Flavio Marciano
(captação e edição de áudio)

*Plano Estratégico de
Divulgação Dirigida*
Luísa Molina

Assessoria de imprensa
Fabíola Góis

Social mídia
Marcus Póvoa

Design gráfico
Usha Velasco

Revisão de texto
Pedro Henrique Santos Moraes

Tradução em Libras
Eurípia Inês da Fonseca

*Arte-educação e tradução
em Libras na abertura*
Ícaro Dias

*Recepção e monitoria
durante a exposição*
Caroline Narvaez
(arte-educadora)

Esta exposição faz parte do projeto Encontro nos Contos e Cantos Kalungas
(Processo nº 00150-00007717/2022-73, Edital FAC Brasília Multicultural II – 2022)

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

